



# PROJETO FITOTERÁPICOS | CLIPPING



**DIVIRTA-CE**  
by Felipe Muru Pahano

A economia da floresta em pé

**Projeto Fitoterápicos**, promovido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, com apoio técnico do Ministério do Meio Ambiente, ajuda organizações da região amazônica a ampliar a oferta de produtos feitos com plantas medicinais e a proteger área de 5 milhões de ha – a perspectiva é gerar 2 milhões de reais de faturamento, anual, para as associações que atuam com cadeias de plantas nativas brasileiras

Projeto Fitoterápicos, promovido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, com apoio técnico do Ministério do Meio Ambiente, ajuda organizações da região amazônica a ampliar a oferta de produtos feitos com plantas medicinais e a proteger área de 5 milhões de ha – a perspectiva é gerar 2 milhões de reais de faturamento, anual, para as associações que atuam com cadeias de plantas nativas brasileiras

A sede estava ao lado, próxima, na floresta amazônica. Era unir o conhecimento dos antepassados, tão ricos em plantas medicinais, usar de forma sustentável o óleo de andiroba, da copaíba, o breu branco, a feva para produzir sabonetes, ungüentos, repelentes. Aliviar a dor, cicatrizar, curar feridas, evitar piadas. Cuidar e deixar as árvores nativas em pé, ganhar dinheiro escasso require tempo em que o parque ilegal havia sido fechado, em 2009, e onde saiu o sustento dos ribeirinhos do Rio Araguaia, no Amazonas. “Os moradores ficaram sem renda. Uma pesquisadora identificou que havia muita andiroba na região e perguntou por que a gente não vendia o óleo? Na época, não ficamos animados, mas depois fomos buscar permissionar”, lembra Juilene Parcerio Leal.

Em 2012, uniram a Associação Bem Sucesso, em Porto Grande, e logo viraram-se com pouco espaço para o trabalho das mulheres. Então, resolveram fundar a Associação das Mulheres Extrativistas Sementes do Araguaia, organização da qual hoje é presidente e onde elas preparam. São 41 mulheres no lado do seu homem. Conseguiram ajuda financeira e técnica, vendem seus produtos – sabonetes de andiroba, copaíba, de feva e esfoliante de breu branco; ungüentos de gergelim e de andiroba; e vela de andiroba (repelente natural) – em Macapá, São Paulo e Belo Horizonte. “Vão da cura de manchas, de espinhas, de micose a anti-inflamatórios. Conseguiram reconhecimento. Estão entre as quatro organizações de agricultores familiares e extrativistas dos estados do Pará e Amapá selecionadas pela SOS Amazônia para participar do Projeto Fitoterápicos, implementado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), sob coordenação técnica do Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA). Nela, estão previstas ações de diagnóstico, capacitação e fomento para que estas instituições, do bioma amazônico, possam superar os desafios que as impedem de mostrar seu potencial de produção sustentável e partir com plantas medicinais nativas e derivados.”

Com o investimento, cada uma das organizações vai receber US\$ 50 mil (R\$ 241 mil, na cotação do dia 30 de junho). Uma ajuda e tanto para a Associação das Mulheres Extrativistas Sementes do Araguaia. “Estes recursos vão nos permitir melhorar a estrutura do laboratório, para aumentarmos a produção”. Informa Arlete Pantoya Leal. O objetivo é ampliar a oferta de produtos – incluir creme de andiroba, novas, vender mais. “A gente tira da floresta, sem destruição”.

Com o programa Fitoterápicos, as instituições vão expandir as possibilidades de acesso ao mercado, segundo o exólogo Adelson Lopes, coordenador do Programa Negócio Florestal Sustentável da SOS Amazônia, instituição escolhida para gerir o projeto na região. Ele prevê faturamento de R\$ 2 milhões ao ano para estas organizações com as cadeias de plantas medicinais. Além disto, vão ajudar, e muito, na proteção ao meio ambiente.

## Bioma Amazônia

**Matéria:** A economia da floresta em pé

**Veículo:** Blog Divirta-CE

**Mercado:** Estado do Ceará

**Data:** 31/08/2023

**Link para acesso:**





# PROJETO FITO TERÁPICOS | CLIPPING



"A expectativa é que o projeto, cada vez com mais experiência, contribua para o atual modelo produtivo que insere regularmente o óleo e essências de plantas medicinais no aproveitamento do potencial das plantas medicinais, se institucionalizem e promovam casas de valor da cultura e melhoria das comunidades rurais e urbanas, com alguma liga de governança", afirma Helvécio Lopes. Em argumento que é que o projeto tem feito ao longo dos anos.

O ecólogo ressalta que é a "economia da floresta em pé" na prática. Ele vê como o projeto contribui muito para o enfrentamento ao desmatamento e às invasões e à destruição das florestas e de jovens em atividades produtivas florestais tropicais do mundo, como também a segurança cívilista de todo o planeta. De acordo com ele, são 205 pessoas diretamente envolvidas nas casas de plantas medicinais, sendo 116 mulheres.

Eles dominam também a produção de óleo de ananás de qualidade, pureza e origem certificada na comunidade São Domingos, em Belém, no Pará. "Fazemos sabonetes e velas. Estamos agora trabalhando também com o cumaru e pretendemos estender para o óleo de açaí e cupuaçu", diz Amanda Caroline Dias Pat, presidente da Cooperativa Renascer, que faz parte da Federação das Organizações e Comunidades Tradicionais da Floresta Nacional do Tapajós. Todos com poderes terapêuticos, há muito tempo conhecidos pelos moradores da região.



"A gente acredita no potencial medicinal das plantas. Se fico doente, grávida, faz bento. O óleo de ananás serve para massagens, dores musculares, reumatismos", conta Aranida Paz. Esse conhecimento tradicional, vem dos antepassados, transmitido de geração para geração. "E assim vai se segurando." Custodio da floresta e da saúde. "Quase todas as famílias da comunidade trabalham com plantas medicinais." E acredita que continua, mesmo com o apoio do Projeto Fito-Terápicos.

A Cooperativa Mista dos Agricultores Familiares e Extrativistas dos Ceará (Comect), em Bragança (PA), está se preparando para realizar sua usina de óleo de ananás com a compra de equipamentos que vão melhorar a qualidade do produto. "Hoje, fazemos o óleo de ananás em casa ou vendemos a seringueiro", diz Júlio Henrique Magalhães, gerente social da cooperativa. O foco é ampliar para o óleo de buriti e de murumby, o manjericão de semente e de açaí e os rendimentos da Comect, que tem entre elas 55 mulheres, 11 idosas e 15 jovens.



Também está beneficiada a Cooperativa alternativa Mista dos Pequenos Produtores do Alto Xingu (Campes), em São Félix do Xingu (PA), que comercializa folhas secas de jabuticaba. "Temos aquela tradição com carreta para transportar as folhas e facilitar a colheita. Hoje, é um trabalho muito difícil. Lá tem o Remundo Freires dos Sertões, presidente da Campes. Os trabalhos de jabuticaba, como são conhecidos, ficam de 20 a 30 dias na floresta em barreiras improvisadas, carregam o que colhem nas costas por 4 a 5 km.", "Início da safra", diz Jóvica das.

Eles dominam também a produção de óleo de ananás de qualidade, pureza e origem certificada na comunidade São Domingos, em Belém, no Pará. "Fazemos sabonetes e velas. Estamos agora trabalhando também com o cumaru e pretendemos estender para o óleo de açaí e cupuaçu", diz Amanda Caroline Dias Pat, presidente da Cooperativa Renascer, que faz parte da Federação das Organizações e Comunidades Tradicionais da Floresta Nacional do Tapajós. Todos com poderes terapêuticos, há muito tempo conhecidos pelos moradores da região.



"A gente acredita no potencial medicinal das plantas. Se fico doente, grávida, faz bento. O óleo de ananás serve para massagens, dores musculares, reumatismos", conta Aranida Paz. Esse conhecimento tradicional, vem dos antepassados, transmitido de geração para geração. "E assim vai se segurando." Custodio da floresta e da saúde. "Quase todas as famílias da comunidade trabalham com plantas medicinais." E acredita que continua, mesmo com o apoio do Projeto Fito-Terápicos.

A Cooperativa Mista dos Agricultores Familiares e Extrativistas dos Ceará (Comect), em Bragança (PA), está se preparando para realizar sua usina de óleo de ananás com a compra de equipamentos que vão melhorar a qualidade do produto. "Hoje, fazemos o óleo de ananás em casa ou vendemos a seringueiro", diz Júlio Henrique Magalhães, gerente social da cooperativa. O foco é ampliar para o óleo de buriti e de murumby, o manjericão de semente e de açaí e os rendimentos da Comect, que tem entre elas 55 mulheres, 11 idosas e 15 jovens.



Também será beneficiada a Cooperativa alternativa Mista dos Pequenos Produtores do Alto Xingu (Campes), em São Félix do Xingu (PA), que comercializa folhas secas de jabuticaba. "Temos aquela tradição com carreta para transportar as folhas e facilitar a colheita. Hoje, é um trabalho muito difícil. Lá tem o Remundo Freires dos Sertões, presidente da Campes. Os trabalhos de jabuticaba, como são conhecidos, ficam de 20 a 30 dias na floresta em barreiras improvisadas, carregam o que colhem nas costas por 4 a 5 km.", "Início da safra", diz Jóvica das.

Mais sobre o Projeto Fito-Terápicos:  
Implementado pelo PNUD, sob o coordenação técnica da Unesco e o Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima, o projeto fornecerá o setor de plantas medicinais e fitoterápicos, com base no uso de espécies nativas brasileiras. São 10 municípios, todos beneficiados quanto ao projeto.  
• Associação Mista de Melhorias Sociais do Alegre, localizada em Porto Grande, no AM;  
• Cooperativa Mista dos Agricultores Familiares e Extrativistas dos Ceará, em Bragança, no Pará;  
• Comunidade São Domingos, com apoio da Federação das Organizações e Comunidades Tradicionais da Floresta Nacional do Tapajós, em Belém, no Pará;  
• Cooperativa Alternativa Mista dos Pequenos Produtores do Alto Xingu, em São Félix do Xingu, no Pará;  
• Cooperação Social USF, com apoio da Unesco e assessoria técnica.

## Bioma Amazônia

**Matéria:** A economia da floresta em pé

**Veículo:** Blog Divirta-CE

**Mercado:** Estado do Ceará

**Data:** 31/08/2023

**Link para acesso:**

